

sereis meus discípulos»; «Uma doutrina nova»; o caminho para a Páscoa; a aliança nova e eterna; o amor de Deus que perdura eternamente; Jesus Cristo, coroa de todos os santos.

Na fidelidade ao mais genuíno Evangelho cristão e na continuidade da encíclica Deus é amor, este livro pode ajudar muita gente a redescobrir esse amor que é a essência do próprio Deus e que tende a difundir-se através do coração e das mãos do homem.

RAUL AMADO

## LITERATURA/LINGUÍSTICA

ALONSO ROMO, Eduardo Javier, **Los Escritos Portugueses de San Francisco Javier**, col. «Poliedro», Centro de Estudos Humanísticos – Universidade do Minho, Braga, 2000, 585 p., 250 x 190, ISBN 972-96478-8-7.

Tese de doutoramento apresentada em 1998 na Universidade de Salamanca e com introdução para os prelos em 1999, no 450º aniversário da chegada ao Japão de S. Francisco Xavier que, originário de Navarra, desde há séculos veneramos como o maior missionário «português», não admira que a Universidade do Minho se sentisse deveras honrada em publicá-la, com o prefácio de um grande jesuíta que foi o seu primeiro reitor livremente eleito em Portugal. O prof. Alonso Romo prolonga desta feita a sua homenagem, seja ao apóstolo das Índias, seja à nação que o teve como arauto da Fé até ao extremo Oriente.

Da seriedade deste trabalho académico, desenvolvido com acribia e linearidade através da múltipla complexidade de abordagens, convencem-nos sem dificuldade, quer a textualização em si quer a pluriforme

e pertinente bibliografia, desde as fontes primárias aos estudos mais recentes, dezenas deles da década de 1990, alguns do próprio ano das provas públicas, vários imediatamente anteriores ao da sua saída das máquinas, o que em simultâneo interpreto como actualização e anseio de rigor. Talvez por simples distração tenha escapado, no meio de tantos, Eugénio Coseriu em *Sprache und Funktionalität bei Fernão de Oliveira* (1536) (Lisse; e com o título de «Taal en functionaliteit bei Fernão de Oliveira» em *Ut Videam*, no 70º aniversário de P. Verburg, Lisse, 1975, pp. 67-90, ou em tradução portuguesa da Univ. Federal Fluminense, 1991).

Dividiu Alonso a sua dissertação em duas partes de três e cinco capítulos respectivamente. Na primeira, intitulada *San Francisco Javier y sus escritos*, esclarece-nos acerca das leituras daquele, da influência inaciana, das línguas que aprendeu, dos longos roteiros epistolares e dos amanuenses, do estado actual dos originais, cópias e traduções, dos destinatários e do lugar dos textos em português, cartas ou não, no «corpus» xavieriano. Deste modo, nos faz adentrar na sua formação tanto a nível da linguagem, como literário e filosófico-teológico, desde Navarra a Paris, a Veneza, a Roma, a Lisboa e paragens do Levante longínquo, destacando aspectos que, lucidamente sujeitos a uma perquirição atenta e sistemática, nos antecipam a abertura, sob o ponto de vista ecdótico e filológico, para a segunda parte, nuclear e mais extensa, cujo objectivo consiste na análise linguística, sob diversos parâmetros, do português de Francisco Xavier através de quanto deixou nesta língua. Assinalando como ponto de partida o bilinguismo luso-castelhano do século XVI, suas causas e periodização, e bem assim o dos primeiros jesuítas, põe em relevo o português como língua-ponte para a evangelização, a lusitanização de Xavier e as interferências de línguas.

A avaliação abrangente do português xavieriano encontramos-la nos quatro capítulos seguintes, por esta ordem: a grafemática e a fonética-fonologia quanto ao vocalismo oral e nasal e quanto ao consonantismo; a morfossintaxe e o tratamento das partes do discurso; caracterização geral do léxico e neologismos; recursos de estilo e seus níveis, construções sintáticas, pormenores léxico-semânticos e marcas retóricas. Compara-se aqui a língua de Xavier com o sistema global da língua em meados de Quinhentos, sem esquecer portanto, no plano do vocabulário, os latinismos, os cultismos e as palavras de origem oriental, bem como certo grau de elevação estilística, enfoques bem dignos de evidenciar-se, embora não se trate de textos literários propriamente ditos, qual aliás se sublinha.

A obra termina com um índice de formas de 58 pp. A três colunas, uma escolhida bibliografia já atrás aplaudida e um apêndice documental de 148 pp. Contendo os escritos xavierianos redigidos em português. No capítulo I, a págs. 35, pela voz do jesuíta Lancelotto, afirma-se que no colégio de Goa se comentavam nas aulas vários autores clássicos, «y, en cambio, no el *De duplici rerum et verborum copia* de Erasmo». Ora, este contraste ou exclusão não está abonado pelo texto latino da nota 45, em que se lê «necon copiam verborum Erasmi», que quer dizer «e também a *copia verborum*»..., conjunção muito do agrado de Varrão, Vergílio e Suetónio. Creio que neste pequeno lapso terá influenciado a consciência da pouca afeição inaciana pelo roterdamês, ao invés da minha.

Sem embargo, ao endereçar ao Prof. Javier Alonso Romo sinceras felicitações por tão excelente trabalho histórico-linguístico de grande fôlego, acompanho-o no propósito de que seja (vd. p. 24) «el primer paso de un proyecto de investigación más ambicioso sobre la lengua portuguesa de Oriente em el siglo XVI, que incluiría el estudio de los 1800

documentos que aproximadamente engloba la colección de *Documenta Indica*».

AMADEU TORRES

BRANDÃO, Raul – PASCOAES, Teixeira de, **Jesus Cristo em Lisboa**. Tragicomédia em sete actos, fixação do texto, notas e posfácio de Pinharanda Gomes, Obras de Teixeira de Pascoaes, nº 23, Assírio & Alvim, Lisboa, 2007, 120 + 72 p., ISBN 978-972-37-1268-1.

O nº 23 da já volumosa edição das Obras de Teixeira de Pascoaes, em curso na Assírio & Alvim desde 1984, contempla o título em epígrafe. Na realidade, sabe-se que Pascoaes teve uma parte mínima na feitura desta obra de teatro, sendo a quase totalidade da autoria de Raul Brandão. O tema, que imagina um Cristo vindo à terra em Lisboa, insere-se na crítica da sociedade e da religião tal como era praticada pelos que se reclamavam de discípulos daquele e, sobretudo, tal como era vista por uma parte dos críticos dessa prática. O livro tem, por isso, interesse, quer para os estudiosos da literatura, quer para os que se ocupam da história religiosa da época em que foi concebido e publicado em primeira edição (1927).

As cerca de setenta páginas que preenchem a parte final do volume integram excelentes trabalhos de Pinharanda Gomes. Primeiro, uma recolha de testemunhos directos da recepção da obra, seja favoráveis seja críticos (121-147). Depois, em modo de posfácio, um estudo sobre a «biografia» desta obra teatral, incluindo o que chama a sua «invenção» (151-159), a sua recepção (161-170) e a sua representação (171-175); e, finalmente, um ensaio de hermenêutica da mesma obra (177-187). Tudo tem interesse. Mas parecem ser de realçar particularmente o estudo da «invenção» e o ensaio hermenêutico. O primeiro, pelo que, documentadamente,